

Peça do Teatrão explora a memória da Guerra Colonial

Teatro “Os cadáveres são bons para esconder minas” estreou em Almada e chega a Coimbra a 20 de outubro

CARLOS GOMES



Ficção baseia-se em pesquisa que teve por base entrevistas a ex-combatentes

A nova criação do Teatrão procura explorar a memória da Guerra Colonial, que Portugal travou nas suas antigas colónias ultramarinas de Angola, Moçambique e Guiné-Bissau contra os movimentos independentistas. Trata-se de uma coprodução com a Companhia de Teatro de Almada, que estreou na semana passada na Sala Experimental do Teatro Municipal Joaquim Benite, e será apresentada em Coimbra, na Oficina Municipal de Teatro, de 20 de outubro a 13 de novembro.

Com dramaturgia original de Jorge Palinhos, a ficção apoia-se numa pesquisa documental baseada em testemunhos de soldados mobilizados para a Guerra do Ultramar, em parceria com o Núcleo de Coimbra da Liga dos Combatentes e o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Nas palavras do dramaturgo, esta é «uma peça sobre a impossibilidade do esquecimento e da memória, e sobre as suas

mais invisíveis vítimas em Portugal: os soldados da Guerra Colonial, que ainda a carregam no corpo e na alma, e são o húmus para que ela continue a dar os frutos amargos que insistimos em não ver».

Para a realização deste espetáculo, durante semanas, Jorge Palinhos e Isabel Craveiro, responsável pela encenação da peça e diretora do grupo teatral de Coimbra, entrevistaram ex-combatentes, esposas e ex-esposas de combatentes que fazem atualmente terapia no Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAPS-4) da Liga dos Combatentes de Coimbra. «Fomos confrontados de imediato com aquilo que, na verdade, nos motivou para o projeto, a Guerra Colonial é assunto do presente e não do passado. É uma questão complexa, dolorosa, que envergonha, embaraça, incomoda políticos e sociedade em geral, que não soubemos ou não pu-

demos tratar. É um conflito entre a necessidade de lembrar e esquecer», declara Isabel Craveiro, ela própria filha de um ex-combatente.

“Os cadáveres são bons para esconder minas” encerra a narrativa que o Teatrão construiu desde 2018 denominada Casa e que enquadrou A Casa Portuguesa, A Casa do Poder e A Casa Fora de Casa, os ciclos de criação dedicados ao Estado Novo, à Europa, à Família e à Guerra. A Casa foi o motor para investigar, discutir e criar artisticamente objetos que discutam o presente e o lastro histórico que carregamos sem discutir e superar, refere uma nota de imprensa do Teatrão.

A temporada do espetáculo em Almada incluiu no sábado, no foyer do Teatro Municipal Joaquim Benite, a conversa “Guerra Colonial – Memória e Esquecimento”, numa coorganização Teatrão e CHROME/Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. ◀